

## OS CONHECIMENTOS QUE PROFESSORES E ALUNOS PRODUZEM NAS SALAS DE AULA COMO PARTE DE UM PROJETO EMANCIPATÓRIO

MACEDO, Regina Coeli Moura de - UERJ

GT: Currículo /n.12

**Agência Financiadora:** não contou com financiamento

“Em que está pensando o nosso aluno enquanto estamos ‘dando’ aula?” Já há algum tempo, trago comigo essa pergunta, lida em um livro<sup>1</sup>, pelo muito que ela me mobiliza. Não pela busca de uma resposta, mas pelas questões que provoca e que se impõem em minha prática de professora com relação ao espaço e ao tempo da sala de aula e ao que lá se passa.

Uma primeira idéia a que nos remete é a de que cada indivíduo constitui-se como uma rede de sujeitos (Santos, 1995) e, como tal, expressa, nas suas ações cotidianas, os processos de formação por que passa em sua vida. Isso pode nos sugerir que, enquanto o professor está tentando se comunicar com seus alunos, esses, ligados aos seus próprios pensamentos, sentimentos e valores, não estabelecem com ele essa articulação. É como se estivéssemos falando de dois universos que por não terem, necessariamente, relação um com o outro, não se encontram. Nessa perspectiva, não haveria interação entre eles, nem o estabelecimento de significados comuns ao que é comunicado.

Pode nos sugerir também a discussão entre duas idéias a respeito dos processos de aprendizagem: a primeira, de que alunos são meros receptores de informações ou conhecimentos que professores transmitem e a segunda que pressupõe que, durante todo o tempo, os alunos estão elaborando seus próprios pensamentos sobre o que está sendo ensinado, atribuindo-lhe significados, mesmo que esses não sejam aqueles previstos e esperados pelos professores (Certeau, 1994).

Ainda podemos pensar no quanto os acontecimentos das salas de aula, aquilo que realizam, criam e produzem os alunos e professores, integram “redes de conhecimentos” (Alves, 1999) tecidas, cotidianamente, por esses sujeitos, tanto individual como coletivamente.

Qualquer uma dessas idéias apresenta-se, para mim, como uma oportunidade de nos voltarmos para o que considero central neste trabalho: aquilo que efetivamente acontece nas salas de aula das escolas com os seus sujeitos reais, concretos (Pais, 2003). Aquilo que pensam e mais ainda, o que sentem os indivíduos sobre ou enquanto dão-se os processos cotidianos de ensinar e aprender. Nem sempre, esses pensamentos e

---

<sup>1</sup>Ronca, Paulo A. C.e Terzi, C. do A. *A aula operatória e a construção do conhecimento*. São Paulo: Edesplan, 1995

sentimentos se manifestam claramente, mas certamente tomam parte nos sentidos que professores e alunos atribuem ao vivido, ao ensinado e ao aprendido nas salas de aula (Oliveira, 2003).

Está aí a importância que desde o início identifiquei naquela pergunta. Ela coloca em evidência a constituição de cada um como sujeito de conhecimento (Alves, 1999). É conhecendo esses sujeitos e os conhecimentos que produzem e criam, que estaremos nos aproximando de uma possibilidade de entendimento das realidades das salas de aula e desenvolvendo formas de nelas intervir, no sentido de contribuir para a produção de práticas voltadas para a emancipação social (Oliveira, op. cit).

Esses conhecimentos produzidos no cotidiano das salas de aula, muito poucas vezes são valorizados como tais. Quando percebidos, são, rapidamente, classificados como conhecimento vulgar, senso comum e, por isso, sem importância. Acontece que os conhecimentos aos quais se atribui esse status, os chamados científicos, produzidos a partir de determinados tipos de pesquisa que pretendem chegar às grandes explicações para os fenômenos da educação, não respondem satisfatoriamente as interrogações que nós professores pesquisadores temos sobre o que vai ou não vai bem nas salas de aula.

Este trabalho, como parte de um processo de pesquisa em andamento, pretende trazer para discussão e reflexão algumas situações de sala de aula, em que saberes estão sendo produzidos, cotidianamente, por professores e alunos. Apresentamos essas situações e os conhecimentos nelas produzidos porque os valorizamos como fatores que vão nos ajudar a compreender melhor a complexidade do que lá se passa.

### **Produzindo conhecimentos numa experiência de leitura de jornais na sala de aula**

É sabido e, de certa forma, bem discutido academicamente, que nós, professores, estamos sempre aprendendo, inclusive com aquilo que ensinamos (Freire, 1991). O que ainda é pouco discutido, quando tratamos dos processos de aprendizagem cotidianos das e nas escolas, é o quanto e o como se produz conhecimento nesse espaço.

Contarei uma história desse cotidiano escolar em que me encontro como professora dos primeiros ciclos do Ensino Fundamental, procurando evidenciar alguns processos de produção de conhecimento, entendidos aqui como de produção e criação de sentidos e significados para aquilo que é vivenciado, experimentado e refletido.

Certa vez, como professora de uma turma de 3ª série, havia previsto, junto com as coordenadoras e as outras professoras da série, um trabalho com os alunos sobre textos de jornal.

Para começar, procurei conhecer o que já sabiam as crianças, tanto sobre os textos, como sobre o jornal em si. Julgava importante o que estávamos fazendo e cuidei da programação e execução das atividades, buscando fazer isso sempre junto com elas. Fazer junto não significava abrir mão da minha tarefa de ensinar, apresentar e analisar com os alunos quais são e como se estruturam os textos que encontramos nos jornais. Significava produzir e acessar sua produção de sentidos sobre o que estudávamos. Sabia que poderiam não ser potenciais leitores de jornal, se nesses contatos escolares que tivessem, não pudessem ter valorizada sua capacidade de consumidores e leitores ativos e críticos desse meio de comunicação.

Já nas nossas primeiras conversas, levei exemplares de alguns jornais para que vissem, mexessem e eu pudesse conversar com eles e ouvi-los. Falaram da forma, do tamanho, dos vários cadernos, da dificuldade de manusear e das notícias sobre crime e esporte principalmente.

Suas leituras das manchetes foi algo de “gente grande”. As crianças liam os textos da primeira página com o conhecimento que têm sobre o mundo, as informações que recebem e as relações que estabelecem entre elas. É fundamental dizer que o trabalho não foi desenvolvido com unanimidade de posturas, objetivos, sentimentos e comportamentos. Falamos de sujeitos concretos, reais, que criam e produzem pensamentos e ações, portanto, estava sempre presente um clima de discussão de idéias, muitas vezes conflituoso, mas muito produtivo e feliz.

Começaram a trazer de casa as informações pedidas sobre se eram lidos ou não jornais em casa, por quem, quais e o que mais gostavam neles. A maioria das famílias, e assim mesmo não todas, compravam o jornal apenas aos domingos. Os jornais escolhidos eram os mais “populares” e baratos.

Combinamos uma ida à banca de jornal, onde poderíamos adquirir o que precisávamos para o nosso trabalho. Pesquisamos o preço de cada jornal e calculamos quanto cada um deveria trazer para comprarmos o número e a variedade de jornais que precisávamos.

Na data marcada, fomos à banca que fica no mesmo quarteirão do colégio. Não é preciso contar como ficamos excitados com o “passeio”, cada um tinha algo a dizer sobre o que havia no caminho, a banca de jornal e o que tínhamos ido fazer lá ou não.

O trabalho continuou a acontecer em vários momentos como esse que contei até a produção e venda de um exemplar de um jornal pela turma.

### **O que essa história pode “render”**

Essa minha história de professora, uma das muitas que poderia contar, pode nos oferecer um rico e valioso material de reflexão. Penso, em primeiro lugar, no que nos diz Boaventura Santos sobre o tempo em que vivemos:

*um tempo paradoxal, de mutações vertiginosas produzidas pela globalização, a sociedade de consumo e a sociedade da informação. Mas também um tempo de estagnação, parado na impossibilidade de pensar a transformação social, radical. (1996, p.15)*

As interpretações das realidades, as leituras de manchetes, notícias, reportagens e outros tipos de textos que os jornais publicam todos os dias, que eu, como professora, pude fazer junto com meus alunos, foram um celeiro de produção e criação de conhecimentos, num processo que não se deu individualmente para cada um de nós. Em rede, com todos os fios do que somos: nossos saberes, valores, idéias e sentimentos, fomos compondo, coletivamente, um tecido de sentidos e significados para aquilo que líamos, conversávamos, observávamos e experimentávamos no decorrer daquele trabalho.

Estavam se desenvolvendo melhores possibilidades de ler, com tudo que isso significa, além da idéia de que podemos realizar, junto com outros que queremos como parceiros, nossos projetos. Considero que buscávamos, nessa história que é real, aprofundar nosso *projeto educativo emancipatório*, como nos diz, ainda, Santos (1996, p.17).

*Para este projeto educativo não há uma, mas muitas formas ou tipos de conhecimento. Todo o conhecimento é uma prática social de conhecimento, ou seja, só existe na medida que é protagonizado e mobilizado por um grupo social, atuando num campo social em que atuam outros grupos rivais protagonistas ou titulares de formas rivais de conhecimento.*

Com isso, o autor fala desse projeto educativo como adequado ao tempo presente, pois coloca *sob suspeita a repetição do presente*. Temos, portanto, como romper com essa sensação de estarmos parados nesse tempo paradoxal da sociedade de consumo e da informação.

Havia, durante o processo de análise, discussão dos textos e produção dos jornais, vários tipos de conhecimento presentes como *prática social de conhecimento*: o divulgado nas informações das notícias, o das crianças sobre o que são os jornais, para que servem e também sobre o conteúdo que veiculam, o dos pais,

mães e professora sobre os grupos sociais e assuntos que, por várias razões, viram notícia e muitos outros. Os conflitos que surgiram na aprendizagem desses conhecimentos fazem parte desse *projeto educativo emancipatório* porque é desestabilizador, potencializa o inconformismo e *transforma a sala de aula em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que optar* (p. 18).

### **Recriando sentidos e produzindo conhecimentos válidos**

A situação narrada e as reflexões que suscitou são fios de um grande tecido que está se formando no projeto de pesquisa que venho desenvolvendo.

Trago de volta a pergunta a que me referi no início: “em que está pensando o nosso aluno enquanto estamos ‘dando’ aula?” Nesse texto e no projeto de pesquisa, ela é motivadora desse movimento de busca por aquilo que se cria nas salas de aula. Pudemos observar uma situação em que professor, alunos e toda uma rede de pessoas de alguma forma envolvidas com os vários processos de aprendizagem que enfocamos nesse texto, estavam o tempo todo formulando, experimentando e reinventando sentidos nas e para as leituras e interpretações dos textos dos jornais e de outros textos, inclusive os não escritos.

Nessa perspectiva, e com a ajuda de autores como Boaventura Santos é que pretendo prosseguir nesta pesquisa. Buscar as pistas e evidenciar os conhecimentos produzidos pelos sujeitos cotidianos nas salas de aula é procurar outros caminhos para a compreensão apresentada pelo autor sobre o tempo presente, recusando sua repetição e o aprisionamento ao modelo de estagnação.

### **Bibliografia**

ALVES, Nilda. *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: as artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Petrópolis: Vozes, 1991.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. *Para uma pedagogia do conflito*. In: Silva, Luiz E. (org.). *Reestruturação Curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.